



EXTREMISMO

Telegram vira casa de neonazistas

Apesar de sanções da Justiça, plataforma direciona conteúdo de ódio para usuários de canais antivacina e conspiracionistas

» ISRAEL MEDEIROS

Um dos principais concorrentes do WhatsApp no Brasil, a plataforma de mensagens Telegram tem lucrado com a exposição de conteúdo neonazista em canais abertos. Levantamento feito pelo pesquisador Ergon Cugler, do Laboratório de Estudos sobre Desordem Informacional e Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mapeou 737.783 conteúdos em comunidades neonazistas de 2016 a 2025 em toda a América Latina. O Brasil lidera, com 492 mil publicações do gênero. Atualmente, há 118 mil usuários ativos nesses grupos, sendo 35,2 mil somente no país.

A maioria dos canais é acessível pelo algoritmo do Telegram, que os recomenda para usuários que interagem com conteúdo de extrema-direita e teorias da conspiração, como grupos antivacina. Esses ambientes são a porta de entrada para publicações mais extremistas, já que a plataforma identifica a preferência e sugere cardápio em aba intitulada “canais similares”.

Foi por meio desse mecanismo que o pesquisador Ergon Cugler encontrou as primeiras publicações nazistas. Ele pesquisava comunidades de conspiração no Telegram e percebeu que, além de esbarrar frequentemente em exaltações a Adolf Hitler e ao partido nazista alemão, era possível acessar facilmente novas comunidades.

Outro problema é que vários canais encontrados pelo pesquisador — também localizados pela reportagem — foram criados há anos, demonstrando falha na moderação do Telegram. As primeiras postagens datam de 2016 e seguem no ar. Vários estão há anos sem atualizações, mas isso, para Cugler, não significa que estejam fora de uso.

“Não importa se lá atrás houve muita postagem e agora não. O ponto é que elas acabam servindo de biblioteca on-line. Não é preciso publicar mais, já tem tudo disponível ali para quem quiser montar um kit nazista em casa”, alertou Cugler ao **Correio**. “Esses canais

Israel Medeiros/CB/D.A Press



Prints feitos pela reportagem mostram a facilidade no acesso a conteúdos nazistas e fascistas postados em canais abertos do Telegram

nunca foram derrubados. Os conteúdos, em alguns casos, estão no ar há nove anos. Na prática, vemos uma omissão das plataformas digitais e especialmente no caso do Telegram”, afirmou.

Discurso de ódio

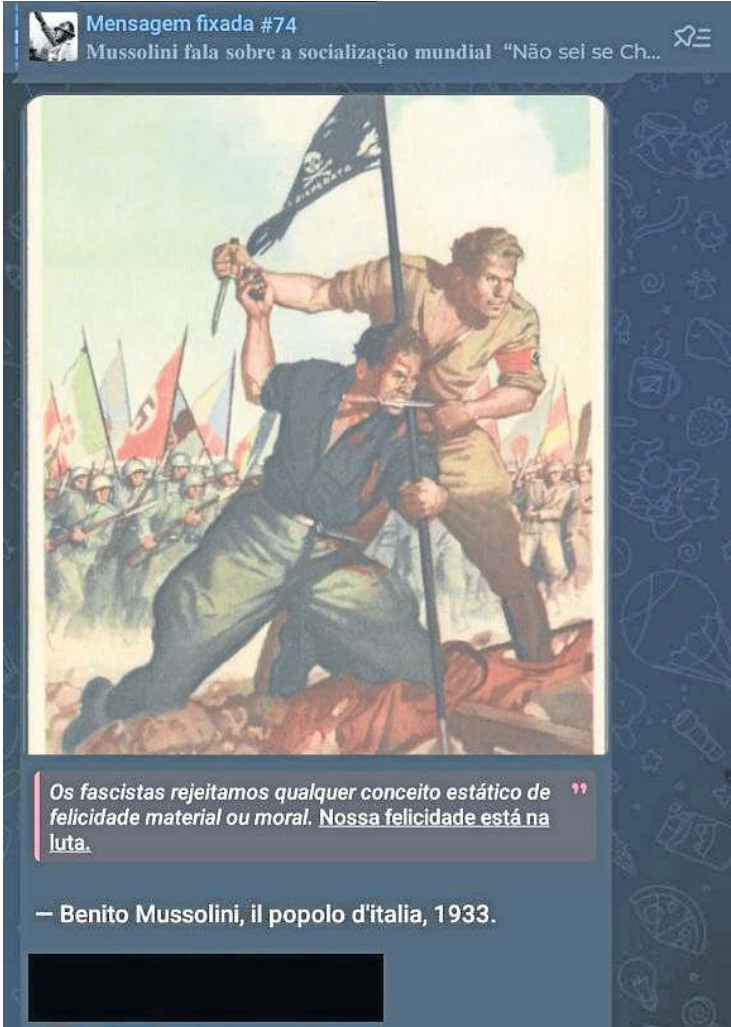
Para replicar o levantamento, o **Correio** fez uma busca simples no Telegram por termos usados comumente em grupos de extrema-direita. Os canais por vezes tinham títulos sem essas palavras, mas com conteúdo de ódio e também redirecionavam, via “canais similares”, a comunidades com postagens ainda mais extremistas.

Os temas mencionados nos grupos vão de revisionismo histórico e conspiracionismo a exaltações explícitas ao nazismo e ao

Arquivo Pessoal



fascismo italiano, com fotos e citações. Em várias comunidades é possível encontrar livros sobre ideias nazistas e outras ideologias radicais. Onde predomina



que essas comunidades cresceram na crista da onda, com o movimento de teorias da conspiração e negacionistas”, disse o pesquisador.

Terra sem lei

Em abril de 2023, o Telegram foi retirado do ar no Brasil após decisão judicial por ignorar pedidos de informação sobre grupos neonazistas suspeitos de envolvimento em ataques a escolas. À época, as determinações não foram integralmente cumpridas, e Justiça Federal do Espírito Santo determinou a derrubada da plataforma. O mensageiro voltou ao ar pouco depois com uma nova determinação.

No mês seguinte, a plataforma voltou a ser alvo da Justiça, desta vez do Supremo Tribunal Federal (STF), por disparar a milhares de usuários no Brasil uma mensagem contra o Projeto de Lei das Fake News, que regula a atuação das redes sociais e está atualmente parado na Câmara dos Deputados. A companhia alegou que o texto acabaria com a liberdade de expressão e que era “uma das legislações mais perigosas já consideradas no Brasil”. O STF ordenou a exclusão da mensagem, sob pena de suspensão. Naquele mesmo mês, também determinou que a empresa indicasse um representante legal no Brasil.

Procurado pelo **Correio**, o Telegram disse que tem trabalhado “proativamente” para retirar conteúdos “nocivos” de circulação todos os dias. “Desde sua criação, o Telegram tem moderado ativamente conteúdos nocivos. Moderadores, com apoio de ferramentas de inteligência artificial personalizadas, monitoram proativamente as áreas públicas e aceitam denúncias, removendo milhões de conteúdos nocivos todos os dias”, disse a plataforma em nota.

Segundo a empresa, já foram removidos mais de 22 milhões de grupos e canais que violam seus termos de serviço em todo o mundo, incluindo conteúdos de incitação à violência, abuso infantil e comércio de produtos ilegais. Desse total, 166 mil eram de comunidades relacionadas ao terrorismo.



Não importa se lá atrás houve muita postagem e agora não. O ponto é que (canais) acabam servindo de biblioteca online”

Ergon Cugler,
pesquisador da FGV

o neonazismo, o ódio contra judeus é o mais frequente, inclusive com compartilhamento de manifestos e documentos escritos por nazistas.

Grupos LGBTQIA+, negros e imigrantes também são alvos, inclusive com uso de inteligência artificial para gerar imagens racistas. Também é possível encontrar vídeos de violência extrema, como assassinatos e mutilações.

O pico de publicação desses conteúdos, segundo o estudo, foi em 2021, segundo ano da pandemia, com a explosão de grupos conspiracionistas nas redes sociais. “Havia pessoas preocupadas com a covid, com a pandemia, e que foram procurar curas milagrosas, remédios alternativos, achavam que era o apocalipse”, explicou. Ele apontou ainda um aumento vertiginoso nas publicações. “O crescimento nos movimentos antivacina saiu de cerca de cinco mil, seis mil, 10 mil posts mensais para 1,7 milhão em um único mês. Me parece



ROBERTO BRANT

O SISTEMA POLÍTICO BRASILEIRO ESTÁ EM UMA AGITAÇÃO DESORDENADA. A AUSÊNCIA DE LIDERANÇAS POLÍTICAS RESPEITÁVEIS E MINIMAMENTE CAPAZES ESTÁ IMOBILIZANDO O GOVERNO E TORNANDO O PARLAMENTO UMA CASA SEM DONO, ONDE TUDO PODE ACONTECER.

Para além do presente sombrio

Infelizmente, os problemas do país continuam mais reais do que nunca e, embora as eleições estejam a apenas um ano de distância, nenhum traço de luz escapa da pobreza do debate político. Para os próximos anos, além dos velhos problemas do crescimento econômico, do equilíbrio fiscal e da desigualdade, vamos enfrentar desafios existenciais novos, provocados pelas mudanças bruscas da ordem internacional. Alguns candidatos insinuam-se aos poucos, dentre eles nosso demorado presidente Lula,

mas não percebi até agora uma única palavra de qualquer deles que sugerisse alguma preocupação com essas agendas.

O Brasil sempre foi um país um pouco isolado do mundo, distante dos grandes conflitos e aspirando a alguma forma de autossuficiência, confiado no papel de garantidor da ordem internacional que os Estados Unidos desempenharam até há pouco. Com o declínio desta ordem e com a mudança do papel da América no mundo, o Brasil não tem como evitar um realinhamento

global e um aumento do seu protagonismo externo, como um imperativo da nova ordem que vai se formar de algum modo. Nenhum aspirante à Presidência da República pode deixar de responder à questão do papel e do lugar do Brasil na nova ordem mundial, pois disto dependerá muito o nosso destino.

O governo Trump, sem nenhuma razão econômica ou comercial, abriu unilateralmente um conflito com o Brasil, impondo ao país as mais altas tarifas alfandegárias dentre todas as que distribuiu pelo mundo, com o propósito explícito de influir em nossa política interna, em um ato sem precedente nos 200 anos de nossas relações. Como mostrou em artigo na *Foreign Affairs*, o cientista político brasileiro Hussein Kalout, nos últimos 15

anos, os Estados Unidos desfrutaram de um saldo positivo de 415 bilhões de dólares nas transações com o Brasil, computados os resultados do comércio de mercadorias e o comércio financeiro e de serviços. Ao contrário do que propôs a todos os demais países, o governo americano não busca em nosso caso a extração de novas vantagens financeiras ou comerciais. A contrapartida para qualquer negociação é nada menos que a nossa soberania ou, talvez, até a mudança do regime. Não estou externando uma opinião, estou descrevendo um fato.

Uma vez expulso da aliança com os Estados Unidos, com tudo o que isto representa, o Brasil não pode e não deve cair na tentação do alinhamento com o outro polo hegemônico do mundo, a China. Nossas

relações com a China hoje são estruturais e delas dependem vários setores da economia brasileira. Nossos laços, não apenas econômicos, devem se ampliar e se diversificar, pois isto corresponde ao interesse nacional de ambos os países, sem dizer que, em virtude da distância geográfica, a China não é uma ameaça à nossa segurança, o que ainda não podemos dizer em relação ao atual governo americano.

A diplomacia brasileira não deve investir em um divórcio irreparável com a América, mas comportar-se com paciência e frieza, na expectativa de que em algum futuro os americanos podem reconhecer a racionalidade. Nem podemos apostar em um alinhamento mais estreito com a China, aceitando pelo valor de face a declaração

de seu líder que “a China está do lado da civilização e do progresso humanos”. Ao vê-lo neste ato, ao lado de Vladimir Putin e de Kim Jong-Un, precisamos nos perguntar a que civilização e a que progresso ele estava se referindo.

Temos tamanha e importante geopolítica para participar de uma tentativa de criar uma ordem multipolar, juntando a América do Sul, União Europeia, Índia, Canadá, México e tantos países quantos queiram existir fora da órbita das potências que lutam pela hegemonia militar, econômica e tecnológica e pela colonização do mundo.

Para isto o Brasil vai precisar de uma liderança que tenha a altitude dos novos tempos e que não tenha dívidas com o passado.